

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Nadja Ribeiro Laender¹

Resumo:

O presente trabalho enfoca a multiplicidade de fatores que propiciaram à estruturação do sujeito contemporâneo, enfatizando a importância dos meios de comunicação, a prevalência do registro do imaginário e suas consequências na estruturação do psiquismo.

Palavras-Chaves:

Alienação – narcisismo – subjetivação - formação do eu – angústia – cultura do narcisismo – registro do imaginário – novas formas de adoecimento psíquico.

A realidade psíquica necessita, para se constituir, além de alguém que vá decodificando e nomeando os primeiros balbucios de necessidade da criança, uma série de interações que são implementadas pelos aspectos culturais e sociais, sem deixar de lado a questão biológica pois a realidade psíquica necessita de um suporte corporal para que as pulsões possam inscrever, sobre esse corpo, sua estória libidinal.

Entretanto, a cultura na qual a criança nasce carrega toda uma história e formas de pertencimento que se particularizam em seu meio familiar, propiciando traços identificatórios, valores e normas que são parâmetros balizadores para a construção da subjetividade e da realidade psíquica. A sociedade produz padrões socialmente valorizados e aceitos que são encarnados nas instituições como o Estado, a família e a escola, servindo também como um lugar de amparo importante.

No século XX, inúmeras mudanças ocorreram levando a uma desintegração, a princípio lenta, não só dos valores vigentes da família, da moral e da sociedade, mas também a uma transformação radical nos meios de comunicação, fator relevante para a introdução da cultura de massa e globalização do mercado.

David Harley ², geógrafo inglês, citado por Gustavo Ribeiro (2000), apresenta uma teorização sobre o espaço onde o encolhimento do mundo é entendido como sendo um efeito de compressão do espaço-tempo, isto é, da aniquilação do espaço pelo tempo resultantes do tremendo desenvolvimento das indústrias de transportes, comunicação e informática. Segundo Harvey a compressão do tempo-espaço se refere aos processos que revolucionam de tal forma as qualidades objetivas do espaço e do tempo que nos vemos forçados a alterar, às vezes de maneiras bastante radicais, como nos representamos o mundo. Uso a palavra “compressão” porque se pode argumentar fortemente que a história do capitalismo tem sido caracterizada pela aceleração do ritmo de vida, ao mesmo tempo que por uma superação de barreiras espaciais de tal forma que o mundo às vezes parece estar implodindo sobre nós.

Podemos concluir que os fatores velocidade e simultaneidade são as bases estruturais para a criação do mundo contemporâneo pois ambos concorreram de forma decisiva para o seu encolhimento e aumento da percepção fragmentada do mundo ao colocarem à disposição do habitante da sociedade de massas uma incrível e inusitada quantidade de estímulos e informações.

A velocidade, hoje, tornou-se fato corriqueiro em nossas vidas mas devemos levar em consideração que todos os atuais meios de transportes deram um salto vertiginoso em termos de velocidade e tecnologia, do começo do século até nossos dias. O trem, o navio,

¹ Psicóloga. Psicanalista. Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG.

² HARVEY apud Ribeiro. Cultura e política no mundo contemporâneo, p 26.

o carro e o avião são símbolos da modernidade. Eles possibilitaram o transporte mais rápido e seguro de pessoas e, principalmente, agilizaram o comércio internacional.

Por outro lado, os aparelhos de simultaneidade (o satélite, a televisão, o telefone, o computador e o fax) contribuíram sobremaneira na criação de realidades que, não sendo nossas, são vividas como tais. Essa virtualidade facilita e energiza a mistura hipercomplexa de pessoas, capital e informações, provocando dessa maneira uma profusão, uma exuberância de informações que os habitantes da nossa sociedade têm que processar.

Para poder processar tal quantidade de informações, o homem moderno teve que adotar uma linguagem única, globalizada, gerando como consequência uma perda de sua identidade cultural, dos regionalismos, das particularidades que o diferenciavam do outro. Ocorre então uma uniformização que leva a uma alienação não só do discurso do sujeito, mas também uma desreificação da realidade. O virtual torna tudo possível, há o primado do imaginário onde quanto mais o sujeito contempla, menos vive, quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo.

No livro “A sociedade do espetáculo”, Debord ilustra a vida das sociedades como simples condições de uma produção vigente, apresentando uma imensa acumulação de espetáculo. O que era vivido diretamente, agora é considerado como representação. Como se dá esse fenômeno? A realidade é considerada parcialmente porque é tomada de imagens que se destacam da vida e formam um pseudo mundo à parte, objeto de contemplação. O espetáculo não é um conjunto de imagens mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens; apresentando-se como: a própria sociedade, como parte da sociedade e como instrumento de unificação. É uma *weltanschauung* (visão de mundo) que viabiliza desde o projeto até a produção das mercadorias. O produto é criado antes mesmo de sua necessidade, sua demanda é feita a posteriori, ao consumidor resta apenas consumir. Podemos concluir que o espetáculo é resultado e projeto do modo de produção existente, constituindo o âmago do irrealismo da sociedade que vivemos. Consumimos informação, publicidade, diversão. Este é o modelo dominante da vida atual da nossa sociedade, gerenciado pela economia multinacionalizada, desmaterializado pelos meios de comunicação e que induz ao indivíduo consumir muito mais do que necessita através do marketing, que faz o consumidor acreditar que determinado produto é feito para ele e que irá minorar qualquer desconforto ou sofrimento. Melhor dizendo, o espetáculo, ao separar o mundo em representações, produz sua unificação através das imagens que ele mesmo constrói, levando à alienação tal qual a pensamos em psicanálise. O espetáculo seria como a produção da imagem narcísica na fase do espelho: ao mesmo tempo que a criança se identifica com aquele que o nomeia, se aliena na imagem do Outro e, por se alienar no Outro, ela cada vez mais se identifica. “O que o espetáculo exige é a aceitação passiva, sem réplica por seu monopólio da aparência.” (Debord,2000:17) Aceitação passiva, passividade frente a demanda do Outro, produz laço social, onde o outro na posição de terceiro o reconhece como sujeito mas não sujeito dividido, pensante e falante; e sim sujeito narcísico, preso nas teias mercadológicas onde ele se acha aonde não é , e se perde aonde poderia ser. É nessa brecha do engano que a publicidade se apóia, acenando com objetos de satisfação e felicidade que completariam o sujeito e o realizariam.

A dominação da economia sobre a vida social através do espetáculo, acarretou numa degradação do ser para ter e agora do ter para parecer. Qual a consequência dessa degradação? Como o espetáculo tem a tendência a fazer ver o mundo, de forma que não podemos tocá-lo diretamente, a visão é o seu sentido privilegiado. A mídia, com ênfase na televisão, encarrega-se de recriar o mundo através do simulacro que é a reprodução técnica da realidade, vendendo ilusões e sentido à vida de milhares de telespectadores, moldando assim, seus pensamentos e atos. Desta forma, o sujeito cada vez mais perde a

sua singularidade, em detrimento à imagem e às mensagens impostas pelos meios de comunicação. O que importa não é o que se pensa ou o que se diz, mas sim o que se pode consumir. É através do quê se consome, da imagem que se passa aos outros, que se é reconhecido enquanto homem. Sempre se faz necessário o olhar do outro, testemunha silenciosa, para que haja a confirmação de que se é. Desta maneira, o sujeito vive permanentemente em um registro especular, imaginário, onde o Outro não barrado é o próprio mercado, a sede da alienação. Ele só existe se segue as regras do mercado por isso o olhar do outro é importante para confirmação de sua existência.

O espetáculo, que é o apagamento dos limites do eu (*moi*) e do mundo pelo esmagamento do eu (*moi*) que a presença-ausência do mundo assedia, é também a supressão dos limites do verdadeiro e do falso pelo recalçamento de toda verdade vivida, diante da *presença real* da falsidade garantida pela organização da aparência. Quem sofre de modo passivo seu destino cotidianamente estranho é levado a uma loucura que reage de modo ilusório a esse destino, pelo recurso a técnicas mágicas. O reconhecimento e o consumo das mercadorias estão no cerne dessa pseudo-resposta a uma comunicação sem resposta.” (Debord,2000:140)

Lacan no Seminário X: A Angústia (1962-63) propõe um esquema sobre a angústia composto de dois eixos: o da dificuldade e o do movimento. Em cada ponto de interseção, o sujeito vai se encontrar em um nível de dificuldade. A dificuldade máxima é o esmagamento (*emoi*). Eduardo Vidal seguindo a “indicação de Lacan para a língua portuguesa propõe traduzir *emoi* por esmagamento. O termo *emoi*, cuja raiz latina é *ex-magare* , acentua o afeto de comoção e inquietação, mais próximo do vocábulo português turbação. Mas o termo esmagamento recupera de sua raiz a significação de comprimir, machucar, até privar da força e da liberdade, como também afligir e angustiar.” (Vidal, 1993:217)

Ora, Debord ao propor o espetáculo como causa de apagamento dos limites do eu e do mundo pelo esmagamento do eu, suscita a questão da angústia. Se a angústia aparece como defesa ao desamparo, numa tentativa de recobrir para o sujeito a falta do objeto que causa o seu desejo, quando ele se encontra no estado de esmagamento, revive a posição de objeto frente ao Outro. Ponto de alienação máxima, o sujeito assim capturado transita entre o ser e o sentido. Ele pode escolher entre uma identificação fixada por significante ou por uma fixada pelo sentido. Quando se tem um elo entre os significantes (S1 e S2) tem-se sentido. No momento em que o sujeito se identifica com um significante-mestre, ele fica petrificado, obtendo uma significação para seu ser. Essa petrificação leva a um não questionamento sobre si mesmo; ele vive e age, mas não pensa sobre si, recusa-se mesmo a pensar sobre o que é. Desta maneira, fica impossibilitado de saber sobre o seu desejo porque, para desejar, é necessário que a cadeia significante deslize metonimicamente.

Se o reconhecimento e o consumo das mercadorias são pseudo-respostas que utilizam “o recurso a técnicas mágicas”, podemos pensar que tal técnica é a utilização consumo da mercadoria como S1, o mercado substantivando o supereu e seu imperativo: Goza! Ao consumidor resta obedecer. Ser é ter, ter é parecer. Parecer é ser. Ser de consumo, característica da subjetividade na cultura do narcisismo, ser preso em sua armadilha narcísica, apassivado, o sujeito torna-se incapaz de se descentrar de si mesmo, desaparecendo por trás do objeto que o satisfaz. Tal característica estende-se às relações entre os homens. Hoje, a transitoriedade das parcerias demonstra de forma cabal que o laço humano também é um objeto de consumo a ser substituído se não proporcionar satisfação imediata. Joel Birman escreve em *Mal-estar na atualidade*, que... o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o outro se apresenta para o sujeito no horizonte da atualidade... O outro lhe serve apenas como instrumento para o incremento grotesco da auto-imagem,

podendo ser eliminado como um dejetto quando não mais servir para essa função abjeta. (Birman, 2000:25)

Se os laços afetivos precisam gerar prazer imediato é devido à demanda incessante de felicidade aqui e agora. A lógica do instantâneo atende à lógica do gozo a qualquer preço. A felicidade torna-se sinônimo de euforia, excluindo a existência dos outros afetos humanos: tristeza, angústia, luto; a qualquer sinal de sua proximidade, o indivíduo deve acessar dispositivos para sedá-los. Não é à toa que o uso de antidepressivos, ansiolíticos e hipnóticos têm sido cada vez mais utilizados em nossa sociedade. Tudo para conter as angústias e o sofrimento e capacitar o eu a continuar a se exhibir no mundo do espetáculo. A partir dessas considerações, podemos obter uma visão geral de como as modificações na cultura levadas a cabo através da mídia, interferiram na construção da subjetividade e do laço social, fazendo com que ocorresse um descentramento da questão do sujeito como sujeito do desejo, para a do sujeito do consumo tornado objeto, que tem dado origem a diferentes formas de adoecimento psíquico.

Referências Bibliográficas:

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo; tradução Estela dos Santos Abreu. 2ª reimpressão, maio de 2000. Rio de Janeiro: Contraponto.

PLASTINO, Carlos Alberto (org.) Transgressões. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2002.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Cultura e Política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

ROJAS, Enrique. O homem moderno. Tradução: Waldir Dupont. 2ª edição. São Paulo: Mandarim, 1999.

VIDAL, Eduardo A. Passagem ao ato e acting-out. Publicação da Escola Letra Freudiana - ano XII nº 14 Rio de Janeiro: Ed. Espaço e Tempo Ltda.1993.

NADJA RIBEIRO LAENDER
Av. Francisco Sales, 1614/604
30150-221 - BELO HORIZONTE/MG
E-mail: rlaender.bh@terra.com.br

(31)3281-9689
(31)9967-8835